

Irineu VOLPATO

Errâncias

RENARD

Mulato maneiro mineiro maldito
Quem sabe?
Agenor, o pintor
uma vida em cidade
a pintar só pintar
vez em quando a cachaça
(que graça é a vida se castrou-se ilusão ?)
e família
E encheu-se um dia de tudo
das tintas do mundo
até da cachaça
E repente se fez
vazio sob os pés
(onde foram os pincéis ?)
Agenor, o pintor enforcou-se
Que cores ele quis
quando chão lhe faltou
de vão sob os pés ?

Parati só de janelas
janelas tão quase portas
entremeadas por elas
Janelas feitas arcadas
ou retilíneas janelas
janelas jeito chapéus
despropositais janelas
afeiçoadas de pedras
alma de lenho arcadas
Cores de Parati
a se escorrerem em janelas
azuis de mar ali perto
marrons de longes terras
aqui pintam-se verde
coram-se outras amarelas
de rendas todas veladas
com vento sempre a varrê-las
mirando sem denunciar
ruas que vão por elas...
Janelas de Parati
Parati de suas janelas

Dera um tempo em que meu pai
caminhava minha frente
de duas sombras maior
Devagar devagarinho
sol caminho trocou
meu pai sombra pendeu
qualquer buraco de chão
algum desvão desse céu.
Dês sobrou minha sombra
mesmo tantinho da dele
Trás minha sombra
sombras meus filhos cresceram
carregando novas sombras
de sol ir alongar
por paisagens da sorte
por veredas perseídas
da vida
que Deus louvado será

Encontramo-nos a leste do Éden
num de sol comum desses dias
iam olhos de tanto passado
domorando em outros que fomos
nem mais éramos cores que tínhamos
mas saudade insistiu semelhanças
e nós que éramos ontem
com sol assim também outro
num desfim de tarde em outono
intentamos longar nossas sombras
... já nem éramos invenção do que fomos

Enquanto eu demorar eucalipto
não proibam que sanhaços
sabiás pevas rolinhas
venham cagar os meus galhos

Há pincéis a borrar verde na paisagem
em passeio mareado ante meus olhos
canaviais multiplicam-se em refolhos
atropelados de vento e seguem viagem

Sol de céu limpo em passeio sobre tudo
estradinhas de chão cru redisparadas
longe-horizontes de serras magoadas
e outono sem dizer constando mudo

Me distraio procurando alguma flor
que pudesse variegar sorrir compor
algum grito dissonante nesse rés

Nada ! Só verde e verde sem nuança
Tinha perdido dos olhos a esperança
quando dei num miosótis entre meus pés

Sol rascunha janelas
em restos prédios de engenho
a se morrer demorado
Erva daninha adóba
musgo passeia em chão
bocas escancaradas
continuam suas fornalhas
defendidas de queimar
À banda chaminé
crescida (de quantos pés?)
engana estar baforando
fumos que vêm do rio
Sobre silêncio bento
assombramentos de ventos
crepitam-se de saudade

De rastro caminham vozes
entre tarefas desnobres

tropicam adjetivos
coisinhas de inseta laia :

- cangar água de mina
- apurar lenha em barroca
- vassourar bosta em terreiro
- joeirar grão em peneira
- judiar de pilão em soca

abastecer-se de penas
em penhas se ser ninguém

Risadas de simplesmente
quimera de mera espera
certeza sempre-se amém

que vida trança-se move
lenta espera num toco
sonho pouco
vasto chão

senda de rosa e ingá
tempero – losna carqueja
que nem

Deus seja
ora pro nobis
amém

desenhado de sol cada manhã
nosso vale se tecia antologia

ventanias que vestiam-se de serra
visitavam nosso vale indo agosto

há ratos roendo em meu sótão
... por ora não tento escutá-los

essas ternuras árvores
duma tarde contra o sol

era uma rosa de carícia erma

há regougos de bambus
em rindo indo de ventos

pateticamente bêbado
assestava seus moinhos

arquitetara-se graça
como se entrando em aroma

vestia uma coração de fuligem
olhos arqueados catástrofes

vivera esmerando esperas

um coqueiro despenteado
mora sozinho um pasto

goiabas se doem apodrecidas no chão

em casa de pau-a-pique
garrincha sabe onde se aninha

morávamos de hora e 1/2
de-a-pé até povoado

um vôo fugaz de cílios
arrebanhou minha noite

trazia uns olhos de ternura limpa
havia um brincando nos cabelos dela

mussitam matronas mangueiras
debulhando silêncio em pomar

era um pé de pindaíba
que se irmanava de só

tropeçava sua incompetência de idade

comboiava tristeza vagarzinha
travessando credos desesperos

paz é o que pasmava
naquelas solidões terrivelmente

beira-estrada certa choça
com gentinha pobrejando

meu pai se dava vezmente
de déu-em-déu provisório

outro século-milênio se trocando
e o que inventamos de amor ?

que nome daremos aos ecos
dos rostos que nos sulcaram ?

tarde ia machucada
de piano em mão aprendiz

ficaram uns seus em mim continuando

bêbado seus passos copiavam
rês nascendo

aquela cerca que ia...ia...se ia
de nunca querer voltar

carapinhas das matas
se despenteando de ventos

eram vastos seus olhos
enternecidos em mim

afoito foi roubar-se morte
que nem chegara sua vez

quanto limo inda demora
pra alinhavar-me poeta ?

aqueles gestos miúdos
que só afeto percebe...

... essa rua
cadê vozes que fomos por ela ?

morreu um ipê
que morava nosso em frente

insistia em borrar vale
com carícias de bambus

sub tegmine fagi
de bambuzais araquás

trazia uns olhos gregos
isoclesmente negros

me deixa escutar garoa
que vai despedindo-se embora

nossos pés machucavam-se
roxos desses ipês derrubados

nossa rua era pisando
seu asfalto esburacado

rosa – um vagarzinho vermelho

dessas árvores beira-estradas
acostumadas a adeuses

celebremos essa peroba
fendida de tempestade
com gesto de pau morrendo
imprecando contra o céu

um vento moleque
se aproveitado de outono
a dançar baile com folhas

quanta vez nosso exército
de sonhos sai pela vida
apanhando

vai noite envelhando nuvens
e lua com restos de cheia
passeia-se porta-beira
em passarela do céu

de rempe vida de-rama-se
muitas resmas revezes

Deus chegou desenhou
ensinou-nos muitas léguas
... ruim quando nos largou

é hora dos eucaliptos
editarem seus perfumes

de anoitece
Sesmaria tece prece
quando milho farfalha
verde galgo em seu porte

podem chegar-se
que portal de Sesmaria
acolhe a todos
branco-azul paz helena

certa sebe de arvorinhas
dessas verde-amarelinhas
orna senda até alpendre

um dia Tatão renunciou
sua sustância pateta
nonde ermitava seus anos
uma loca em S. Lourenço
indignada de sombras

e ficava ali espiando
ornado o sendo dos pássaros
no ordinário dos deles
joão-de-barro às corridinhas
rolinhas juritis de
barredo escapulário
frangos-d'água azuis
em pernas altinhandando brejo
e vida a vogar no céu

nestes vales de verdes colinas
canaviais luminados de acasos
tardes ardem canções em sussuro
enquão sol simplezinha-se ocasos

no enterravam em caixão de irmandade...
ao primeiro baque de pá que coveiro
pinchou terra em cova o roxo morim
encapando pobrinho caixão rasgou
direitinho em cara de Osor
... nem havia ninguém assistindo
de por ele se amolar

André-Louco constava-se estrada
pra de nunca parar seu andar...
decorreram-se tempos e de volta voltando
perguntei-lhe – *e as estradas – André ?*
- *eu tô devolvendo jeitinho elas eram*

poesia é balanço leveza
que sussurra estro em nós
larga vozes ecoando ouvidos
de sinfonia augusta
e harmonia duma orquestra
nos olhos gosto de imagens
n'alma soco dum susto

que dianho dá na gente
de ir catando tranqueiras
para abastar de fogueiras
os nossos infelizantes ?

quantas cores foram mudando nossos guardados escuros
no mundo dentro da gente ?

se deu aquela assuada
de fubecas despencando
correntintinando no chão

em Ressaca onde moramos
lá subia vez por mês
certo mascate a vender
suas trastes amenidades
trazia-se-em-vindo-de-a-pé
governando sua mulinha
desarrumada de malas
e seu *rabatacha* proseado...
vendia quanto continha
e como vinha ao se indo
lhe - Jorge largava eitando
vidinha troça de roça
inventada de visões
de saudades da cidade

Irineu Volpato, já consumindo os 70, nasceu em terras de roça nuns morredos Paraíso, somados a Piracicaba. Por isso não me estranhem quando constante me digo de Ressaca, Caiapiá, Ponta do Morro, Araquá, que era um corguinho altivo, mas semvergonhosamente vadio, sua nascida em Cuvitinga, eitava por Santa Júlia, cortava Vila Estação, navegava entre terras cujos nomes ainda acho me lembro. E doutras plagas também que vizinhavam ali onde.

E como tantos curiosos da sorte também eu vim catar beiras, que aís sobravam na vida. E não passo reclamo do tanto que essa vida doou-me, que aprendi saber-me exato de quanto cabia e era meu. Botei uns filhos na vida, bonitos (eta coruja !) pra não de mim reclamarem. Me andei por uns ofícios, que sustiveram meu sendo, me garantiram uns depois . Me despedi de patrões, mas quem se despede do trampo ? Catei meu picuá de sonhos que tinha largado atrás e meti-me literato, com meu jeitão revezado e fui espiando a vida, naqueles cantinhos amoitados que poucos cuidam catar. Somei uns livrinhos lavrados com títulos de arrepiar, quase um poema inteiro (que sempre assim pensei – se não me lerem os poemas, pelo menos a resenha no título vão ter que engulir de ler). E de entremeio brinquei com uns amigos de França, do México, do Paraguai (me esquecia da Argentina), ah, também duma Itália, e traduzi-los, traduzirem-me.

E pra me completar literato vim recolher-me de só, em beira rabeira de estrada, que emenda duas cidades neste Estado de S Paulo(Piracicaba-Santa Bárbara). Propriamente na roça, mas com suas facilidades cidades de luz, telefone na casa, mas com todo o quieto o do mato, com passarinhos e seus cantos,cães e curiangos em noites e arrebois de chorar.

Não tenho E-Mail nem site, prefiro o preto no branco escorrendo no papel. Amo as cartas em que toco com devoção de oração.

Endereço do autor
Rua Otávio Angolini, 235 - Cruzeiro
13459-040 Santa Bárbara d'Oeste SP
07/2004
VII